

YVONNE DO AMARAL PEREIRA



É impossível falar em Espiritismo, sem mencionar Yvonne do Amaral Pereira.

Com efeito, esta "**heroína silenciosa**", como lhe chamou Francisco Cândido Xavier (*in "Testemunhos de Chico Xavier"*, de Suely Caldas Schubert), foi um exemplo de amor fraternal, de abnegação, indulgência e amor, apontando-nos o caminho traçado pelo Evangelho de Jesus: "Amai-vos uns aos outros..." Nasceu no dia 24 de Dezembro de 1900, na actual cidade de Rio das Flores (ao tempo denominada Santa Thereza de Valença), no sul do estado do Rio de Janeiro (Brasil).

Carinhosamente chamada Tuti pela família, quando contava apenas 29 dias de vida, e após um acesso de tosse, sufocou, tendo sido declarada morta, tendo até sido passado o atestado de óbito, já que seis horas depois deste incidente, o seu corpinho já apresentava a rigidez cadavérica, a cor arroxeada, e as restantes características da morte. No

entanto a sua mãe não acreditava que tivesse morrido e, assim, continuou a orar a Maria, Mãe de Jesus, com imensa fé, pedindo-lhe que a menina voltasse à vida. Pouco depois, Yvonne acordou a chorar muito, e todos os preparativos do funeral foram cancelados.

Este episódio de catalepsia (ou morte aparente), que viria a repetir-se várias vezes ao longo da sua vida, ficou a dever-se às muitas perturbações psicológicas que o seu espírito trazia, pois na última encarnação suicidou-se, afogando-se ("*O Drama da Bretanha*", Yvonne A. Pereira/ Espírito Charles).

O seu pai era um pequeno comerciante que abriu falência três vezes por, frequentemente, favorecer os clientes, indo contra si próprio. Mais tarde tornou-se funcionário público, profissão que exerceu até ao seu desencarne em 1935.

Nascida no seio de uma família espírita, esta era composta pelos pais e por cinco irmãos mais novos e um mais velho, filho de um primeiro casamento da sua mãe. Segundo a própria Yvonne reconheceu muitas vezes, o seu lar era modesto e ao serem uma família numerosa, passavam muitas dificuldades, o que – segundo ela – muito a beneficiou, pois obrigou-a a alhear-se das vaidades mundanas e a compreender as necessidades do próximo. Era hábito receberem em casa pessoas necessitadas e mendigos, com quem dividiam as refeições.

Os exemplos de disciplina e de austeridade que recebeu dos pais, tiveram uma influência decisiva no seu comportamento como médium, e embora, por um lado, estas atitudes tivessem feito com que vivesse afastada do mundo – favorecendo o desenvolvimento e o recolhimento mediúnicos – por outro lado, tornaram-na uma pessoa tímida e triste.

Dona de uma mediunidade muito ostensiva, entrava com imensa facilidade em contacto com os espíritos desencarnados (que ela não distinguia dos encarnados), através da visão e da audição.

Na sua autobiografia, *Recordações da Mediunidade*, obra que foi orientada pelo Espírito Dr. Bezerra de Menezes, Yvonne declara que aos 4 anos já via e falava com os desencarnados. Mas não foi uma criança feliz, tendo afirmado:

"A minha infância foi marcada pela infelicidade, como consequência – de certeza – da má utilização que dei ao meu livre-arbítrio em vidas passadas. E uma das razões desta infelicidade, era a lembrança, que continuava a ter, de grande parte da última existência que vivi."

Ao ser detentora de uma mediunidade tão ostensiva, e tendo lembranças tão nítidas da sua última reencarnação, tinha um comportamento que a família considerava anormal: rejeitava-os a todos, excepto à mãe, afirmando que o seu verdadeiro pai era o espírito Charles, e que o seu pai e os irmãos, não eram senão estranhos. Esta atitude fez com que, até aos 10 anos, tivesse vivido quase sempre com a avó paterna.

Havia dois espíritos de quem gostava especialmente:

✓ O Espírito Charles, a quem considerava o seu verdadeiro pai, devido às vívidas lembranças duma encarnação passada em que este fora efectivamente seu pai. Charles foi o seu orientador (protector) durante toda a sua vida e também na sua actividade mediúnica;

✓ O Espírito Roberto de Canalejas, cuja última encarnação foi como um médico espanhol, em meados do século XIX, pelo qual sentia um profundo afecto, e ao qual estava unida por ligações espirituais de longa data, bem como por dívidas a pagar.

Quando fez 12 anos, o pai ofereceu-lhe como presente "*O Evangelho Segundo o Espiritismo*" e "*O Livro dos Espíritos*", obras que a acompanharam e consolaram durante toda a vida.

Aos 13 anos passou a assistir às reuniões mediúnicas, das quais gostava muito porque via os espíritos comunicantes, como o Dr. Bezerra de Menezes. Nesta altura, já via o espírito do nosso escritor Camilo Castelo Branco, embora só muitos anos depois, ao ver uma fotografia sua, é que tenha ficado a saber quem era. A sua afinidade com ele devia-se ao facto de também ela se ter suicidado.

Yvonne Pereira tinha uma mediunidade muito abrangente: vidência, audiência, psicografia, desdobraimento, psicofonia, oratória, receituário, cura, efeitos físicos, psicométria e premonição.

"Creio que nasci como médium já desenvolvida, pois nunca me dei ao trabalho de tentar desenvolver as faculdades mediúnicas. Algumas delas, apareceram-me ainda na infância."

Nunca se interessou pela mediunidade de *efeitos físicos*, embora por seu intermédio se tenham realizado fenómenos notáveis numa sessão mediúnica, mas nunca mais a voltou a usar.

Desde muito nova pôs a sua mediunidade de *receituário* e de *cura* ao serviço da Doutrina e do próximo, no entanto, ao longo do seu percurso como médium espírita, teve algumas dificuldades para a praticar pois, na altura, alguns centros que frequentou eram contra essa acção. Mas ela continuou a praticá-la em casa, com a disciplina que lhe era proporcionada pelos conhecimentos oferecidos pela Doutrina Espírita e, o mais importante, sempre com o amparo dos seus mentores espirituais – o Dr. Bezerra de Menezes, o Dr. Bittencourt Sampaio e Eurípedes Barsanulfo.

Saliente-se que ela consultava sempre os seus mentores espirituais antes de tomar uma decisão, e que seguia sempre os seus conselhos.

Era uma médium extraordinária e extremamente fiável, que tinha sempre um enorme cuidado com tudo aquilo que recebia do mundo espiritual através da sua psicografia. E este cuidado era tanto, que chegou a guardar durante 29 anos a psicografia do livro "*Memórias de um Suicida*", que recebeu em 1926, e que só deu à publicação em 1955, e isto apenas depois do Dr. Bezerra de Menezes e de Chico Xavier lhe confirmarem ser verdade o que ali estava escrito!

O mesmo aconteceu com algumas outras obras suas. Entretanto, a trilogia "*Nas Voragens do Pecado*", "*O Cavaleiro de Numiers*" e "*O Drama da Bretanha*", começada pelo Espírito Roberto de Canalejas, teve de ser acabada e revista pelos Espíritos Charles e Léon Denis, devido à reencarnação de Roberto.

Estas obras, que tratam sobre umas vidas anteriores da médium, foram interrompidas pelo Dr. Bezerra de Menezes, a fim de que esta não fosse exposta a mais humilhações, ao reviver e psicografar as suas próprias reencarnações ("*Nas Voragens do Pecado*" é Ruth-Caroline de La-Chapelle, n° "*O Cavaleiro de Numiers*" é Berthe de Sourmeville-Stainesbourg, e n° "*O Drama da Bretanha*" é Andrea de Guzman d'Albret).

Era uma esperantista ferrenha e trabalhou incansavelmente pela divulgação e desenvolvimento desta língua universal.

O espírito do Dr. Bittencourt Sampaio informou-a de que o casamento não fazia parte das suas experiências evolutivas nesta encarnação, devido a não ter sabido respeitar no passado a sagrada instituição familiar, e embora tenha tentado ter alguns namoros, estes nunca deram em nada. Acabou por aceitar "casar-se" com o dever espírita, tendo tido uma vida de renúncia e de dedicação a quem sofria.

Às 22 horas do dia 9 de Março de 1984, Yvonne Pereira foi submetida a uma operação de urgência, para colocação de um *bypass*, à qual não resistiu; ela já tinha afirmado que não valia a pena terem o trabalho, e assim foi.

Após o desencarne, continuou a trabalhar junto de todos aqueles que pensam suicidar-se, conforme se pode constatar dos vários testemunhos que fazem parte da sua biografia, da autoria do escritor Pedro Camilo.

Yvonne do Amaral Pereira merece, sem dúvida, um lugar de destaque entre os grandes vultos do Espiritismo, devido a todas as obras que psicografou e escreveu por si própria, à sua conduta, e ao trabalho que realizou como médium mas, acima de tudo, devido ao grande amor que tinha por todos os sofredores – quer fossem obsessores ou obsidiados, e especialmente pelos suicidas.

In: Revista Verdade e Luz nº 10